



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - POSGRAP  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - NPGeo



“30 ANOS DE CONTRIBUIÇÃO À GEOGRAFIA”

São Cristóvão, 29 e 30 de Agosto de 2013.

---

## A FORMAÇÃO TERRITORIAL DA AGROINDÚSTRIA CANAVIEIRA NORDESTINA: O PARADIGMA DA AGROINDÚSTRIA CANAVIEIRA SERGIPANA

Ademário Alves dos Santos  
Doutorando NPGeo/UFS  
Núcleo de Pós-graduação em Geografia – Universidade Federal de Sergipe  
[ademarioalves@bol.com.br](mailto:ademarioalves@bol.com.br)

Profº Drº.Celso Locatel  
Orientador - Universidade Federal do Rio Grande do Norte e  
Núcleo de Pós-graduação da Universidade Federal de Sergipe  
[celso.locatel@gmail.com](mailto:celso.locatel@gmail.com)

### INTRODUÇÃO

Os motivos pelos quais o Estado de Sergipe é alvo desta pesquisa estão reunidos na tentativa de aprofundar as pesquisas iniciadas com a dissertação de mestrado. Naquele contexto, as pesquisas deram conta parcial da relação histórica entre Estado e capital que fundamentavam e formavam a agroindústria canavieira.

O mercado de terras e a expansão imobiliária que se observa nas capitais nordestinas da mesma forma que as mudanças significativas no mercado de terras dentro do próprio Nordeste estão como pontos importantes a serem investigados. Todavia as questões que norteiam o estudo são a trajetória de compreensão do território no plano conceitual e histórico, os estudos que se referem ao Nordeste considerando as concepções de ordem econômica e histórica; os propósitos das agências de Estado na definição das políticas territoriais para o Estado de Sergipe, a partir das prerrogativas do capital agroindustrial canavieiro.

Tudo isso define as compartimentações do território através de sua captura econômica. Para isso, as áreas de exclusão, por conta da maior disponibilidade destes capitais, tornam resultados e resultantes deste processo. Assim, são forjadas no território novas e velhas políticas para a captura deste mesmo território.

O território nos mais variados aspectos sociais e no contexto das fórmulas históricas disponíveis merece um olhar especial, sobretudo, quando considerado a partir da Geografia, mas também de outras disciplinas, a exemplo da economia, da história e da sociologia. Saquet (apud in Almeida, 2009 p. 42) faz notar que “há diferentes perspectivas epistemológicas de abordagem do território.”

Para Raffestin (1978) é necessário refletir que o ponto discordante entre o pensamento alemão e francês, no Brasil a partir dos anos 70 do século XX, é em consequência da Geografia crítica de do engajamento dos geógrafos, a partir de referências tanto europeias quanto americanas, desagua-se no Brasil um movimento que faz da geografia um espectro preciso para enxergar-se a realidade. Nesse sentido, as questões que se incidem sobre o território readquirem algumas releituras. É preciso dizer que em se tratando das questões territoriais, a preocupação com a configuração conceitual faz-nos remover as ideias de Popper (1974) quando alerta para as questões conceituais afirmando que não são um conjunto de outras ideias subsequentes que devem substituí-los, mas uma eventual transformação a partir da realidade a qual exige uma nova explicação.

É nesta avalanche, que se diluem os novos entendimentos. Estes são perceptíveis também no quadro conceitual.

## **METODOLOGIA**

Os procedimentos metodológicos para a definição e execução desta pesquisa consideram o território numa perspectiva histórico conceitual. Consideram as prerrogativas regionais, pois não trabalha com uma única categoria. Todavia, busca-se a divisão regional, em Andrade (1986), ao entenderem que estas dão conta da problemática regional presente na pesquisa. Consideram-se, Newtwing (1982), os limites escalares, a partir das três últimas décadas, 1980/2010. Para isto, revisitam-se as lacunas deixadas por Andrade (1996). A definição de Estado, território, políticas públicas e agroindústria acompanha as definições também de Nordeste. Nesse sentido, os limites teóricos no pensamento de Furtado, Andrade, Conceição, Oliveira compõem parte das buscas. As demais compreendem a utilização das obras clássicas que a questão territorial exige.

## **RESULTADOS PARCIAIS**

A pesquisa ao percorrer diferentes possibilidades conceituais, pulverizados e diluídos na expansão e compreensão dos problemas regionais, Bacelar (2004), considera alguns resultados importantes, mas não suficientes. São eles: as dificuldades conceituais; o não

detalhamento do Nordeste, a partir de uma perspectiva territorial, que inclua os elementos não apenas do ponto de vista descritivos e conceituais, mas estatísticos. A necessidade de observar as obras no plano histórico e extrair daquelas aquelas informações, que subsidiam a compreensão do Nordeste, a partir de uma de suas unidades federativas. O fato de Sergipe ser palco para as interpretações do Nordeste, no tocante à agroindústria canavieira, emerge como relevante na medida em que exige uma leitura conceitual e histórica da referida região. Com observa Andrade (1980), Sergipe é alvo das políticas territoriais, que se mesclam no Nordeste ainda que se percebe um certo distanciamento delas.

## **CONCLUSÕES**

É necessário argumentar que outro ponto importante também é posto para o debate: os desníveis regionais brasileiros não podem esconder as mudanças ocorridas nos últimos anos no espaço nordestino. A compreensão aplicabilidade dos capitais bem como a natureza expansiva e explicativa dos negócios do capital permitem a região fazer parte dentro de um novo cenário nacional e internacional. Com isso, aquelas questões de natureza política e social emergem a reboque destas mudanças.

Para o Estado de Sergipe a agroindústria canavieira representa um dos carros chefes mais significativos das demandas territoriais, haja vista os volumes de capitais empregados e as questões de natureza política e econômica que envolve o território compartimentado da agroindústria canavieira sergipana. Ainda n o caso de Sergipe, os investimentos realizados pelo setor devem ser observados quando se comparam aqueles de outros estados produtores e quando também se comparam com os números da própria agroindústria canavieira. Para isto, os resultados apontam para uma retomada e a ao mesmo tempo uma restrição culminando com crise sem precedentes. Expansão e retração continuam sendo palavras de ordem no setor. Tudo conforme os lucros do mercado agroexportador.

Palavras-chave: Território, agroindústria canavieira, Nordeste e Sergipe.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANDRADE, M. C. A Terra e o homem no Nordeste. 4ª edição São Paulo, Liv. Ed de Ciências Humanas, 1980.

\_\_\_\_\_. A Economia Pernambucana no século XVI, Recife arquivo publico estadual, 1962.

\_\_\_\_\_ O Vale do Siriji (um Estudo de Geografia Regional Separata de revista do museu do açúcar 1981 ).

\_\_\_\_\_ Estado Capital e Industrialização do Nordeste Rio de Janeiro, Zahar editora, 1988.

\_\_\_\_\_ Latifúndio e cana-de-açúcar e coco no Norte de Alagoas, Separata de revista Simposium Recife, Universidade Católica de Pernambuco, 1968.

\_\_\_\_\_ O Rio Mamanguape. Os Rios do Açúcar do Nordeste Oriental II. Instituto Joaquim Nabuco de pesquisa social, 1957.

\_\_\_\_\_ A guerra dos Cabanos. Coleção temas Brasileiros. V. 7 Rio de Janeiro. Ed. conquista 1965.

\_\_\_\_\_ A poluição dos cursos da região da Mata Pernambucana pelo despejo de resíduos servidos pela indústria. Boletim do IJNP. Recife, 1966.

BRUNHES, Jean. Geografia Humana. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1962.

ENGELS, Friedrich. Dialética da Natureza. Editora. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1985.

FEBVRE, Lucien. A Terra e a Evolução Humana. Introdução Geográfica à História. 2ª ed. Lisboa: Cosmos, 339p, 1991 [1922].

MARX, Karl.; ENGELS, Friedrich. A Ideologia Alemã (Feuerbach). São Paulo: Grijalbo, 1977.

MORAES, Antônio C. R. Geografia: Pequena História Crítica. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1983.

QUAINI, Massimo. Construção da Geografia Humana. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1983.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Edusp, 2006

RAFFESTIN Pour Une Geographie du pvoir. Paris: Litec, 1980.

RAFFESTIN, Claude. Les Construits em Geographie Humaine: notions et concepts. Geopoint, Avignon, Group Dupont, 1978.

VIDAL DE LA BLACHE, Paul. “La France. Tableau géographique”. In: RIOUX, Jean-Pierre. Tableaux de la France. Michelet, Duruy, Vidal de la Blache et Bruno. Paris: Omnibus, pp. 327-783, 2007 [1903].